

A SUPERIORIDADE DO ARTISTA

João do Rio

Em primeiro lugar, eu sou absolutamente superior a Você. Não por causa do embaixador, do ministro que me corteja, do chefe de polícia que me odeia, nem da pérola da minha gravata. Tudo isso e muito mais Você pode ter amanhã pelo bolchevismo, por um bilhete de loteria, por um excesso de esperteza ou pelo excesso de estupidez. Eu sou superior a Você pelo dom da Inteligência, apenas. O presidente de qualquer Estado pode me mandar prender e torturar. Eu sou superior a esse indivíduo pela Inteligência. Você pode amanhã rebentar-me. Eu serei sempre superior a Você, quer Você queira, quer não. Em geral, nem o presidente nem Você querem. Mas eu sou.

Na Inteligência existe hierarquia. Há mesmo o erro difundido de chamar inteligentes os sujeitos de instintos afiados que arranjam a vida moldando-a hipocritamente às contingências. Essas variedades de esperteza são do homem na escala zoológica, como de todos os outros animais. Graças a isso, nós reproduzimos nas cidades e nas civilizações a lenda das espécies nas florestas. Os tolos são aí os comidos. Você pertence nas cidades à grande quantidade de néscios que tomam o partido dos espertos, pensando defender o próprio.

Mas como na guerra feroz dos bichos do mato há uma seguida marcha para o aperfeiçoamento, na humanidade, composta de homens-carneiros, homens-aranhas, homens-raposas, homens-tigres, homens-ursos, há também, desde o período terciário, uma aspiração que a anima. Essa aspiração é firmar livremente os pés na terra, existir livremente, ter o mesmo direito que os outros têm, sem perigos e males.

A Inteligência zoológica, a esperteza, fez uns serem dominados pelos outros, baralhando egoísmos, escravizando e protestando.

A Inteligência-Luz, generosa pelo seu orgulho, manteve, porém, em todos os espíritos o mesmo ideal a realizar. Por causa desse ideal de perfeição, os homens olharam o céu e inventaram os deuses; por causa desse ideal de perfeição os homens fizeram a arte; por causa dessa ânsia dilatadora do próprio "eu" eles dilataram pelos descobrimentos a terra; por causa dessa fúria de liberdade eles descobriram na ciência meios de libertação. Mas porque na raça existem o ódio, a rapina, a inveja, a manha, a hipocrisia, a raça sempre julgou que a felicidade se consegue para os oprimidos oprimindo os opressores.

É dificultoso e torna as libertações prisões, precisamente porque a Multidão não ouve a pequena super-raça, a guardadora da Inteligência Celeste, os Artistas, limitando a obra de entendimento de cada um, obrigando gerações sucessivas da mesma super-raça à repetição da obra de agitação transformadora.

Você é, por exemplo, um carneiro que quer virar lobo. Algumas raposas organizaram Você no bando, a ver se a quantidade estraçalha os lobos fatigados de gozos. Você no fundo quer muito justamente o seu direito de homem. Mas não só se convenceu de que o seu direito tem de esmagar o do alarve que come ali adiante, como acha uma grande novidade regeneradora da humanidade essa imaginação restrita. Se forem dizer a Você que os agitadores são uns práticos insidiosos. Você fica furioso. E na sua teimosia Você começa por não ver a vida, e por não realizar completamente a satisfação da sua existência, criando partidos, sendo de um partido social, o que indica oposição, política, hipocrisia. Os Artistas dotados de Inteligência estão acima dessa miséria - porque querem a igualdade geral da raça, e agem nesse sentido sempre.

Assim, nesse ponto de vista, o único verdadeiro, dá-se um fenômeno curioso: Diante de um Artista, é tão conservador o chefe de polícia como o matador do dito chefe, pela simples razão de que nem o chefe cruel, perseguindo por medo e apelando para a pilhéria lúgubre que denominam "ordem social", nem o anarquista matando para libertar a humanidade, convencido das "reivindicações sociais" -- conseguiram o

inatingido bom senso de se libertar dos próprios egoísmos, que são os das suas classes, os das suas ordens sociais. E diante desse quadro de dolorosa estupidez, o Artista que vê e interpreta a aspiração de bem geral, acima dos erros e dos ímpetos, dos egoísmos e da covardia humana de ser bom -- tem de repetir através dos séculos a mesma ação e tentar contra a má vontade geral um pouco mais de compreensão dos simples homens, sem desanimar, apesar de ter conseguido muito pouco praticamente.

Ainda outro dia, Você vinha da greve e mostrava-me uma tentativa de artigo no seu órgão, onde Você repetira pretensiosamente uma série de tolices, amputando o pensamento do que Você chama "os seus autores". Logo eu lhe quis notar que Você me mostrava o artigo porque reconhecia a minha superioridade. Quando, porém, vi Você a chamar os camponeses bêbedos de "vogda", que ignoram Você e o Brasil, como ignoram o que pensa Lênin -- "de caros irmãos da Rússia", dei uma gargalhada. Você ofendeu-se e insultou-me:

-- Burguês!

Eu continuei a rir, porque Você em 1789, com a mesma inconsciente falta de sinceridade para com os "nossos irmãos da Rússia", que o interessam tanto como os nossos irmãos da Índia, teria ou gritado "Aristocrata!", ou me denunciado ao Comitê de Salvação Pública. E principalmente eu via Você cheio de teias de aranha, cheio de preconceitos revolucionários, tão atrasado no seu egoísmo sem luz que, se lhe dessem o cargo chefe de polícia ou de diretor do Banco, Você sem esforço me mandaria prender em nome da ordem.

Porque nada para se confundir tanto com a tal ordem social, como a tal reivindicação das classes.

Isso que eu lhe disse fez Você responder, como os pirralhos mentais da nossa literatomania:

-- Nada de paradoxos! Quem sabe se Você quer passar por bolchevista?

E de fato, meu caro camarada, eu sou muito mais - porque eu sou um Artista. Por menor que o Artista seja, é uma explosão de ritmo, é uma força de corrupção do conservadorismo, é um transformador é a bomba que abafa as convicções. O Artista

pode chamar-se Jesus e dar a esperança do céu para melhorar os homens. Pode ser Sócrates indagando para tentar o início da verdade no homem com o "conhece-te a ti mesmo". E pode ser um artífice simples que ponha o coração no que diz. Em qualquer caso é sempre temido -- porque existe acima do torvelim.

Você acredita no Lênin de ouvido. O novo-rico tem medo de Lênin, também de ouvido. Pela simples razão de que não pensam por conta própria e há a subalternidade dos interesses capaz de Você ouvir o novo-rico elogiar Lênin, desde que seja preciso. O Artista vê em Lênin um repetidor daquilo que tem sido dito milhares de vezes e um executor inteligentíssimo do contrário. Mas se Lênin é apenas um Tzar vermelho, como o Tzar era um imbecil assustador pelo medo, e Kerensky o sujeito que deixou de ser Lênin por ser um tagarela apenas -- a aspiração de harmonia humana existe, apesar dos guardas vermelhos, apesar dos assassinatos, apesar da Humanidade não poder libertar-se de si mesma, dos códigos, das leis, dos princípios, das alusões, das tolices, dos ódios. É a palavra dos Artistas a encarregada de mantê-la.

Você pessoalmente é um miserável escravo, mesmo no seu papel de bolchevista e de redentor da Humanidade. O Artista modestíssimo é um formidável vendaval, destruidor, mesmo quando sorri da redenção da Humanidade. Você odeia uma boa parte da terra, pretendendo aproveitar-se daquela que Você chama camarada, enquanto o camarada, pensando do mesmo modo, com Você troca palavras ocas de sinceridade. O Artista não ama ninguém, não gosta de ninguém porque ama totalmente a Humanidade, sem precisar de fingir. Você é para o ministro do Interior um réu de polícia, enquanto espera a ocasião de, com os seus companheiros, fazer réus de lesa-humanidade todos os ministros do Interior. O Artista não tem medo nem dos ministros nem de Você, e é temido como um revolucionário tanto por um como por outro. Isso no subconsciente, pelo sentimento de eternidade que há em que todo aquele que exprimi ou tenta exprimir beleza.

Entre um bandido como o seu camarada Bela-Kum e um bandido como o seu Ludendorff, eu acredito para os dois, para Você, para todas as classes sociais, infinitamente mais de temer o mais anódino dos escritores de romance -- porque estes são os guardadores de aspiração de igualdade humana. Os corruptores dos partidos, o vitriolo, a dinamite contra as tais classes, que querem cada uma a sua ordem. E estes

Artistas maiores, quando os gregos insultam Fídias e preferem o sapateiro Cleão, quem tem razão é o revolucionário Fídias -- com um sonho que aquela canalha grega não compreendia; quando os gazeteiros e os empreiteiros de movimentos riem de D'Annunzio, quem tem razão é essa aspiração revolucionária dos interesses mesquinhos; quando os judeus-diretores dos Soviets mandam matar Gorki para escapar e essa dinamite de remorso vivo, implacável, a seu lado, quem tem sempre razão contra o Tzar, como contra Lênin -- é Gorki.

Ainda exemplifico mais.

Você é o homem bolchevista, dizendo que ama a Humanidade. Mas Você ama a sua mulher, a sua família e quer o bem da Humanidade porque está na classe sofredora, que não come bem, não dorme bem, não vive bem. É uma terrível inferioridade que o anularia em épocas menos loucas. Cristo não amava a família nem pensava no conforto pessoal. Ponho a seu lado o ministro da Fazenda, convencido tanto quanto Você de que é um dos fatores do bem dos homens e egoisticamente vivendo para a sua própria felicidade. São os dois extremos do mesmo desejo -- realizado e a realizar. Entro eu.

Espero que Você diga, depois de todos os insultos e sandices:

-- Mas então Você é que é o Artista?

Confissão fatal do criminoso social diante da superioridade do grande substantivo, confissão que prova Você por enquanto, porque é anônimo, com o secreto respeito à alta função do Artista.

Que me importa, pois, que Você repita os seus propagandistas?

-- Você, um escrevinhador -- Artista! Você, um sujeito de tal ordem -- Artista!

Não perco o tempo em responder. Ouço o ministro da Fazenda, pior do que Você porque se julga um homem, porque os jornais falam do seu saber de economista. O pobre idiota diz do alto:

-- Impertinente escrevinhador. Precisamos prevenir os agentes.

Ambos vocês, ladeando-me, são criaturas de interesses restritos, dentro da sua ordem. Eu, porém, que nunca fui uma partícula da autoridade constitutiva e que nunca precisei agredir essa autoridade para viver, eu escrevo essas palavras num gabinete cheio de conforto, fumando um excelente charuto, sem querer dar nem o gabinete nem o charuto. Para agradar a Você, bastaria concordar com Você. Para ter a gentileza do economista, bastaria dizer que ele é de primeira ordem. Não faço essas coisas. É impossível acoimar-me de interesseiro. E ao demais, sem necessidade alguma, e sem ambição pessoal nenhuma, saio para contradizer -- sem ter sido chamado, saio para prejudicar-me apenas.

Ponha mão na consciência. Qual de nós três é o sincero?

Vou mais além. Confesso que não amo ninguém, que não tenho parentes, que considero idiotíssima toda a ciência econômica, que não acredito no apoio oscilante das amizades, que vejo em Você, bolchevista brasileiro, um errado e um egoísta. Mas vendo os homens igualmente na sua torpeza, só diferenciando e respeitando a Inteligência, sem a menor estima por aquele *chauffeur* ou aquele deputado, eu seria incapaz de os caluniar ou de não os socorrer. Por quê? Porque dentro de mim há a aspiração confusa de toda Humanidade, de que vocês são parcelas combatentes, porque eu penso claramente, livre de partidos, o que é sonho e pesadelo da Humanidade, graças tanto aos ministros como aos que desejam acabar com os ministros.

Consequentemente eu sou o superior.

Consequentemente, o revolucionário, o reivindicador sou eu.

E mesmo que eu não lhe escrevesse esta carta, que em toda a minha obra não houvesse uma referência de piedade ao sofrimento, uma ideia transparente das preocupações suas ou dos burgueses, mesmo que eu tivesse reproduzido apenas a velha história da "Princesa Magalona", eu seria uma força muito maior do que vocês ambos -- porque é uma parcela da que fez vocês e uma parcela da que continuará o sonho desinteressado da felicidade humana.

João do Rio. *Celebridades, desejos*. Ed. póstuma. Rio de Janeiro: Centro Luso-Brasileiro Paulo Barreto, 1932. p. 157-166. (Texto raro.

Vide artigo acima de Renato Cordeiro Gomes e Aline da Silva
Novaes.)